

A Boneca de Pau (variante portuguesa)

Texto

Havia um rei e uma rainha que tinham uma filha muito boa, mas muito feia. Os pais envergonhavam-se de a levar aos bailes e a princesa vexava-se de se apresentar em público.

Em certo dia foi o rei convidado com a sua família a assistir a um baile oferecido por outro rei, vizinho daquele, em honra dos anos do príncipe seu filho. Não aceitar o convite seria uma grave desconsideração e por isso o rei e a família viram-se forçados a ir ao baile. Quando o rei e a rainha fizeram a apresentação de sua filha ninguém houve que não mordesse os lábios para reprimir uma gargalhada. Os enfeites e os vestidos de gala tornavam a princesa ainda mais hedionda.

Ora o príncipe, que fazia anos, era um formoso mancebo. As princesas convidadas a ir ao baile tornavam-se extremamente amáveis no intuito de captar um sorriso do belo príncipe; a nossa princesa, porém, apesar da muita simpatia para com o príncipe, nem ousou para ele levantar os olhos. Dançaram toda a noite, com exceção da princesa feia que só dançou com o pai uma vez. Despediram-se ao romper do sol, protestando a princesa, no íntimo da sua alma, não mais voltar a um baile.

Adoeceu a rainha e antes de morrer, mas nos últimos momentos, chamou para junto de si a filha e disse-lhe: guarda esta varinha de condão e, quando precisares de alguma coisa, vale-te dela. Depois chamou o marido e a este disse na presença da filha: se um dia resolveres casar, experimenta primeiro colocar na cabeça da tua noiva este lenço e só com ela casarás se o lenço lhe ficar bem.

O rei recebeu da mão da rainha o lenço e prometeu sob juramento casar somente com a princesa em quem o lenço ficasse bem.

Morreu a rainha e meses depois tentou o rei escolher esposa, mas de tantas que escolhia a nenhuma o lenço ficava bem. Começou o rei a andar triste. Perguntou-lhe a filha o motivo da sua tristeza e o rei respondeu: «Não encontro princesa em quem fique bem o lenço. Deixo de pensar em noiva», concluiu o rei angustiado, «por isso guarda o lenço que de nada me pode servir».

A filha aceitou o lenço, pô-lo na cabeça e ficou logo transformada numa lindíssima jovem: era um verdadeiro encanto. O rei notou esta transformação e disse para a filha: «casarás comigo».

Não ousou a princesa repelir a proposta do pai, mas respondeu que casaria se lhe comprasse três prendas: um vestido de seda da cor do mar e de todos os peixes para o vestir no dia do seu casamento de manhã, outro da cor da terra e de todas as flores para o vestir no dia do seu casamento ao meio-dia, e outro da cor do céu, do sol, da lua e das estrelas para ir à igreja casar.

O rei prometeu comprar os três vestidos e resolveu viajar pelo estrangeiro, onde encontrasse a seda, que no seu reino não havia. Passado tempo, voltou o rei com os três vestidos, cada um dos quais era um verdadeiro primor. Gostou a princesa dos vestidos e o rei começou a tratar os preparativos do casamento.

Sem o rei saber, mandou a princesa chamar um exímio artista de carpintaria e perguntou-lhe se podia em curto prazo fazer de madeira uma boneca, onde ela coubesse com os seus vestidos e mais roupa, boneca esta que devia adaptar-se perfeitamente ao seu corpo por forma que fingisse um fato completo. O carpinteiro comprometeu-se a fazer a obra, obrigando-se a guardar segredo, sob pena de morte.

Apresentou o artista a boneca feita e pronta. A madeira era tão bem preparada, que a boneca acomodava-se perfeitamente ao corpo da princesa, acompanhando-a em todos os movimentos, como se a matéria-prima gozasse de grande elasticidade. Gratificou ela o trabalho do artista, meteu-se dentro da boneca e fugiu do palácio, dirigindo-se para o palácio do rei seu vizinho, onde se ofereceu como criada. É evidente que a cara da princesa estava coberta pela cara de pau.

Quando as criadas viram a cara horrenda da mulher que se oferecia por criada, puseram-se a rir e chamaram a rainha.

«Queres servir?» perguntou a rainha.

A criada respondeu parvamente.

«Coitadinha! É idiota. Mandem-na para o quintal, onde há uma casinha de onde pode vigiar as galinhas.

E assim sucedeu. Foi a Cara de Pau, nome que as criadas lhe aplicaram, recolhida na casinha que existia no quintal do palácio.

Algum tempo depois começou-se a falar numa grande festa em próxima ermida, festa de que o príncipe era juiz. Toda a fidalguia se preparava para a festa e os criados do rei não cessavam de falar nela. A Cara de Pau chegou ao pé da rainha e pediu-lhe licença para ir ver a festa.

«Vai, sim», respondeu a rir, «e podes ir todos os dias, se quiseres».

A festa durou três dias. No primeiro dia, saiu a Cara de Pau e foi para o campo pôr-se à sombra de uma árvore. Às horas destinadas, tirou uma varinha de condão e disse: «Varinha de condão, pelo poder que Deus te deu, apresenta-me aqui um coche, onde possa ser transportada com o meu vestido da cor do mar e de todos os peixes.

De repente apareceu um riquíssimo coche, onde ela entrou maravilhosamente vestida. Rei, rainha e o príncipe ficaram maravilhados da formosura e da riqueza da desconhecida. Toda a gente tinha nela os olhos fixos. O príncipe desceu do seu lugar e foi oferecer o braço à desconhecida, colocando-a ao lado de sua mãe. Conversou o príncipe com a desconhecida durante a festa e ofereceu-lhe um anel. Perguntou-lhe finalmente como se chamava e a dama respondeu: «Amanhã lhe responderei, espero voltar».

No dia seguinte foi o príncipe mais cedo para a capela. A Cara de Pau, à sombra da árvore, esperou a melhor ocasião de se apresentar na capela. «Varinha de condão, pelo poder que Deus te deu, apresenta-me aqui um coche, mais rico que o de ontem, onde possa ir à festa com o meu vestido da cor do campo e de todas as flores.

Apresentou-se um coche muito mais rico do que o primeiro, onde a princesa embarcou e dirigiu-se para a capela. Logo o príncipe lhe foi oferecer o braço e foi colocá-la ao lado da rainha. Se da primeira vez se apresentou formosa e rica, muito mais desta vez. O príncipe ofereceu-lhe a corrente do seu relógio e perguntou-lhe como se chamava. A dama respondeu: «amanhã lhe responderei».

No terceiro e último dia apresentou-se a dama com um vestido da cor do céu, do sol, da lua e das estrelas, que a todos maravilhou. Parecia um anjo em seu trono de safiras. Ofereceu-lhe o príncipe o seu relógio e perguntou-lhe como se chamava e ela respondeu: «logo respondo».

Não se atrevia o príncipe a afastar-se do lado da princesa, mas como o rei o chamasse, a dama aproveitou a ocasião e desapareceu. Quando o príncipe voltou e não viu a desconhecida ficou muito triste e tristeza foi ela que no dia seguinte não se levantou da cama. Foram chamados os médicos do palácio que se confessaram impotentes para debelar o mal do príncipe. O rei instava com o filho que tomasse caldos, a rainha não se tirava do pé do leito do enfermo e pedia-lhe de mãos postas que comesse; mas o príncipe parecia estranho a tudo o que o rodeava, pensando constantemente na desconhecida.

Uma tarde entrou a Cara de Pau na cozinha e disse: «sei fazer uns bolinhos com farinha, ovos e açúcar que devem fazer muito bem ao senhor príncipe».

«Cala-te, parva, não podes negar que és idiota», responderam-lhe as criadas. Entrou a rainha, a quem a Cara de Pau repetiu que sabia fazer uns bolos com ovos, farinha e açúcar que deviam fazer bem ao príncipe.

«Vai fazer os bolos», disse a rainha, mandando entregar à parva os bolos, os ovos e o açúcar.

A parva saiu e voltou, passado tempo, com três bolos. «Olhe, senhora rainha, cheiram muito bem».

A rainha pegou nos bolos e foi instar com o filho que os provasse.

«Não posso, minha mãe».

«Experimenta ao menos, filho!»

O príncipe partiu um bolo e sentou-se imediatamente na cama com os olhos espantados. «Quem trouxe estes bolos, minha mãe? Dentro vejo o anel, a corrente e o relógio que ofereci à desconhecida.

«Olha, filho, foi a Cara de Pau que trouxe os bolos».

«Mande-a chamar».

Apareceu a Cara de Pau.

«Quem te deu estes bolos? Conheces quem os fez?»

«Conheço».

«Quem é? Onde está?»

«Aqui», respondeu a Cara de Pau dando um solavanco na vestidura e mostrando-se cheia de beleza e de formosura.

O príncipe deu um grito e foi cair aos pés da princesa.

No dia seguinte houve grandes festas; casou o príncipe com a princesa. Houve muitos filhos deste casamento e todos foram muito felizes.

Bendito e louvado, meu conto acabado.¹

¹ Transcrito, com ligeiros ajustamentos ortográficos e de pontuação, a partir de Francisco Xavier Ataíde de Oliveira, *Contos Tradicionais do Algarve*. 2ª edição. Vol. 1. Lisboa: Vega.